

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER:
ESTUDO CRÍTICO DAS IDENTIDADES**

Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UFRN/CAPES)

guianeezasaraiva@bol.com.br

Danielle Brito da Cunha (UFRN/CAPES)

danieafacedasaguas@hotmail.com

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN/UFS)

RESUMO

O objetivo deste minicurso é analisar os discursos feministas e a transformação das identidades, que por sua vez, denotam mudanças sociais e culturais, a partir de dois projetos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O primeiro projeto é parte da dissertação de Danielle Brito da Cunha, o segundo faz parte da tese de Guianezza M. de Góis Saraiva Meira. Este minicurso ancora-se teoricamente pela abordagem sociológica e comunicacional do discurso, que se configura como uma contribuição nacional para a análise crítica do discurso, teoria que vem sendo desenvolvida no Brasil há mais de três décadas. Pedrosa (2012) afirma que a abordagem sociológica e comunicacional do discurso está fundamentada, principalmente, em áreas da linguística para atender a demanda da materialidade linguística; recorrendo à gramática sistêmica funcional, e, ainda, à gramática visual; há ainda as contribuições da sociologia, da comunicação e dos estudos culturais, tudo para analisar as mudanças sociais e culturais atreladas a um determinado contexto. Este trabalho tem como foco a Sociologia para mudança social. Metodologicamente, trabalharemos com dois *corpora*: o depoimento de mulheres que sofreram agressão doméstica e cartas do leitor das revistas *Claudia* e *Nova*. A análise textual será com base nas categorias do *Sistema de Avaliatividade e Transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional* (GSF), assim como aspectos discursivos e sociais da abordagem sociológica e comunicacional do discurso, cujo aporte teórico reporta-se a Bajoit (2008, 2008), Pedrosa (2012), Giddens (2002), entre outros estudiosos. O minicurso tem como público-alvo os alunos de letras e áreas afins, professores do ensino médio e ensino superior, profissionais e pesquisadores do texto/discurso, e contempla a seguinte ementa: a) Visão teórica da abordagem sociológica e comunicacional do discurso; b) Sociologia para mudança social; c) Análise de texto/discurso com base léxico-gramatical e semântico-discursivo da linguística sistêmico-funcional; d) Fragmentação das identidades e discursos feministas.

Palavras-chave: Violência de gênero. Análise crítica do discurso.
Abordagem sociológica e comunicacional do discurso

1. *Introdução*

O estudo do feminismo e das identidades tem se difundido cada vez mais nas práticas sociais. As diferenças de gênero (*gender*) e a fragmentação do indivíduo são considerados excelentes objetos de investigação acadêmica e, por esse motivo, analisaremos neste minicurso os discursos de mulheres vítimas de agressão, como também nas cartas do leitor em duas revistas de ampla circulação nacional, a *Claudia* e a *Nova*. A partir desses discursos verificaremos as transformações identitárias e os indícios de emancipação feminina.

Teoricamente, recorreremos aos postulados da abordagem sociológica e comunicacional do discurso, cuja ênfase está na sociologia para mudança social, importando-nos verificar as principais mudanças sociais e culturais atreladas ao discurso feminista. Além disso, nos reportaremos à gramática sistêmico-funcional, especialmente aos sistemas de avaliatividade e transitividade.

Para este minicurso foi escolhida uma carta de cada revista em estudo e dois depoimentos de mulheres vítimas de agressão doméstica. Os resultados indicam que, paralelo ao advento da globalização, os discursos das mulheres, seja nas cartas do leitor, seja nos depoimentos sobre violência doméstica, apresentam mudanças nos efeitos de sentidos reverberados, evidenciando que, a mulher assume diferentes papéis na sociedade, caracterizando-se como um acúmulo de funções, conforme constatamos neste minicurso.

2. *Análise crítica do discurso: um começo para entender a mudança*

Conhecida como uma corrente essencialmente crítica, a análise crítica do discurso (ACD) teve sua aparição no cenário internacional na década de 1980. (PEDROSA, 2011, 2012) Sua origem começa nos estudos de Fairclough (2001-2006), talvez seu expoente mais conhecido internacionalmente. Essa aparição é o estopim dos estudos realizados nas décadas de 60 e 70, nos quais discussões sobre as mudanças sociais estavam no apogeu entre os estudiosos. O fator social começava a ganhar força e importância crucial nos estudos da linguagem, ou seja, passa a ser ter uma visão da função social da linguagem em seus diferentes contextos.

Sem pretensões de ser o aperfeiçoamento das teorias que a precedem, essa teoria se concentrava em fazer a análise do social, via discurso

e texto, fazendo a ponte entre linguagem e sociedade. Nela, a linguagem é entendida enquanto prática social, assim, já não está presa apenas a um modo de ação, antes, trata-se de um modo de ação historicamente situado (FAIRCLOUGH, 2003).

Considerando a linguagem como um importante fator nas lutas sociais, a principal preocupação da análise crítica do discurso está nas relações que envolvem poder, ou seja, nos estudos sobre hegemonia, e no enfoque sobre “o oprimido”. Ao enveredar pelo social, a análise crítica do discurso se coloca como uma mediadora com outros campos do saber, tais como sociologia, psicologia, etnografia, dentre outros.

Essa sua dinâmica interdisciplinar, assim como, seus métodos próprios lhe puseram no grande rol da linguística aplicada e a aliam a abordagem sociológica e comunicacional do discurso.

2.1. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso: caminhos para a mudança

Movida por uma busca de uma linguagem situada no histórico e no social, a abordagem sociológica e comunicacional do discurso se dispõe a dialogar com estudos em outras áreas, tais como a sociologia, psicologia, etnografia, comunicação, dentre outros. Entendendo-se como transdisciplinar, forjada inicialmente como uma abordagem ligada à análise crítica do discurso, ainda conserva em seu arcabouço orientações metodológicas advindas desta. Numa busca por uma síntese do que seria a abordagem sociológica e comunicacional do discurso, encontramos a assertiva que melhor a define, extraída dos apontamentos da Dra. Cleide Emilia Faye Pedrosa (2012a, p. 13):

A ASCD está fundamentada, principalmente, em áreas da linguística (como exemplos: linguística sistêmico-funcional, linguística textual) como compete a todas as pesquisas em ACD, para atender a demanda da materialidade linguística; recorre à gramática visual, para cobrir a multimodalidade do texto. Além disso, nasce conexa à sociologia para mudança social (BAIJOT, 2008), traz para o seu quadro teórico a comunicação para a mudança social (GUMUCIO-DAGRON, 2001, 2004; NAVARRO-DÍAZ, 2010) e os Estudos Culturais (MARTTELART, 2005; HALL, 2005). Tudo isso para analisar as mudanças sociais e culturais promovidas e vivenciadas pelo sujeito.

A transdisciplinaridade nela expressa, contudo, não lhe dá o status de melhor que as demais, nem lhe permite colocar-se como um aperfeiçoamento das abordagens com as quais dialoga, ao contrário, acaba por

posicioná-la como um campo de estudo acessível, dinâmico, amplo, o que proporciona uma forma diferente de teorização, análise e aplicação.

Como dito anteriormente, no arcabouço das teorias com as quais dialoga a abordagem sociológica e comunicacional do discurso, temos a linguística sistêmica funcional (LSF) que contribui com os sistemas de transitividade e de avaliatividade. A importância da linguística sistêmica funcional está nas suas categorias de análise, que ajudam a dar conta da materialidade linguística.

3. *Sociologia para a mudança: os caminhos desde a sociologia teórica até a sociologia aplicada*

Das ciências humanas, indubitavelmente, a sociologia é aquela que mais tem dado ênfase aos eventos sociais. Isto está em sua natureza constitutiva. Entender os mecanismos sociais é seu objeto de estudo. Sendo assim, não há como falar em mudança social, sem passar pela sociologia.

A sociologia sempre esteve preocupada com a mudança social, desde os primórdios, se esmerava em adquirir conhecimento e descrever a sociedade, para assim ter controle dos fenômenos sociais (SACO, 2006). Acreditava-se que se havia conhecimento suficiente sobre essa “sociedade”, podia-se criar bases científicas e racionais para ela, criando “leis” que a estruturassem legitimamente.

A sociologia é o estudo das ações sociais, da conduta significativa dirigida para os outros e orientada para suas respostas, concretas ou esperadas. Todas as entidades sociais complexas que aparecem no transcurso da história humana (economias, sistemas políticos, organizações sociais) não são mais que produtos acumulados e duradouros de ações sociais (SZTOMPKA, 2005).

Sztompka (2005) afirma que a ideia de mudança advém da ideia de formação de sistemas. No nível *macro*, toda a sociedade pode ser concebida como um sistema; no nível *meso*, os estados-nação e as alianças políticas e militares regionais podem também ser vistos como sistemas; no nível *micro*, as comunidades locais, associações, empresas, famílias ou círculos de amizade podem ser tratados como pequenos sistemas. Nesse contexto, considera-se como mudança social aquela que ocorre dentro do sistema social ou que o abrange.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para o autor, o conceito básico de mudança social envolve três ideias: (1) diferença; (2) em instantes diversos; (3) entre estados de um mesmo sistema. Os livros de sociologia trabalham com noções distintas de mudança social. Vejamos algumas delas:

Mudança social é a transformação da organização da sociedade e de seus padrões de pensamento e comportamento através do tempo.

Mudança social é a modificação ou transformação da maneira como a sociedade é organizada.

Mudança social diz respeito às variações das relações entre indivíduos, grupos, organizações, culturas e sociedades através do tempo.

Mudanças sociais são as alterações dos padrões de comportamento, relações, instituições e estrutura social através do tempo. (*Apud* SZTOMPKA, 2005, p. 30)

Bajoit (2008, p. 17), ao considerar a questão das mudanças sociais, inseridas no contexto da sociologia, sustenta que essa ciência nasce com a modernidade e se desenvolve depois da Revolução Industrial e da democracia. Acrescenta, ainda, que os movimentos sociais se formam a partir de orientações da história e, portanto, dos modelos culturais vigentes.

Não restam dúvidas de que a Revolução Industrial trouxe com ela transformações tecnológicas, econômicas e políticas e que seus efeitos sobre as formas de convivência social propiciaram a instauração de um novo modelo cultural, o qual, por sua vez, condicionou a transformação do sujeito. A família, a escola, a igreja, a televisão, o clube de futebol, a vocação, o matrimônio, a empresa em que trabalha, a maternidade ou paternidade são alguns dos campos de relações de que cada indivíduo participa em sua vida social.

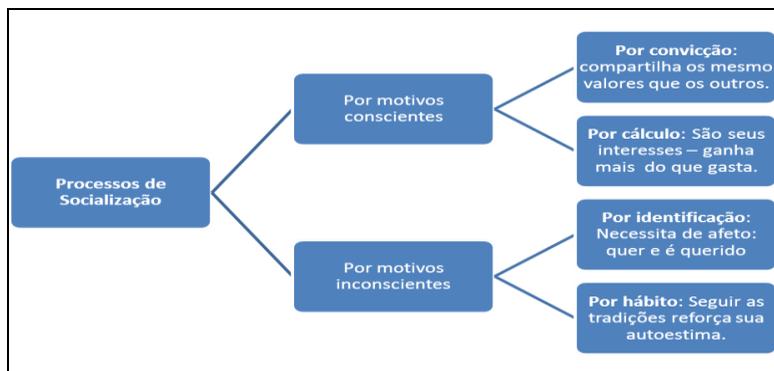
Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 1999, p. 414).

Bajoit (2008, p. 87, tradução nossa) reafirma essa transformação do sujeito quando diz:

Reconhecer que o ser humano está orientado em suas condutas, ao menos em parte, pela intervenção de sua consciência – por uma capacidade reflexiva que lhe permite analisar e interpretar o mundo e conduzir-se como sujeito – significa introduzir ao mesmo tempo a questão do sentido. Este lugar tão importante do sentido da vida social dos seres humanos permite compreender porque recorrem constantemente a referências culturais para justificar sua conduta ante a si mesmo e ante os demais.

Na concepção de Bajoit, a vida social põe em relação múltiplas categorias sociais diferentes: grupos de idade, sexo, região, raças, religiões, línguas, interesses, entre outras. Essas categorias têm interesses, projetos, visões de mundo e convicções diferentes e, em parte, incompatíveis. “Para que todos os grupos possam coexistir em paz é necessário que cada um deles aceite renunciar a uma parte de seus interesses para ceder lugar aos outros” (BAJOIT, 2008, p. 38-39).

Um dos processos mais eficazes da socialização consiste na identificação do indivíduo com outra pessoa, com a qual ele é suscetível de estabelecer uma relação de empatia: a identificação com o pai, a mãe, um amigo, um professor, um chefe carismático, um líder, um ídolo, dentre outros, conforme a figura elaborada por Bajoit (2008, p. 139) e reproduzida abaixo.



Fonte: BAJOIT, 2008.

No parecer de Fairclough (2008, p. 127), a ocorrência de mudança envolve não só adaptar convenções já existentes mas também formas de transgressão, o cruzar de fronteiras que tem a ver com a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou mesmo a sua exploração. Isso ocorre porque as pessoas apresentam a capacidade de agir ou de atuar de modos inesperados (FAIRCLOUGH, 2006).

Diversos segmentos passaram por mudanças sociais. Dentre estas, é importante destacar as mudanças familiares. Os modelos de comportamento que regulamentavam as relações entre os sexos e as relações de parentesco foram abandonados, ainda que, em algumas regiões e nas classes sociais menos escolarizadas e menos expostas à influência da cultura atual, possam ser reconhecidas sobrevivências de valores de passados que, no entanto, não gozam mais de legitimidade social, sendo redu-

zida a possibilidade de que se reproduzam nas novas gerações. A família emerge como “o local para as lutas entre a tradição e a modernidade, mas também uma metáfora para elas” (GIDDENS, 2000, p. 63).

Outros segmentos como escola, igreja, casamento, relações de amizade, dentre outros, sofreram diversas transformações com o processo da globalização. A partir delas, os discursos reproduzidos pelos indivíduos também passaram por grandes alterações. A forma como as aulas são ministradas, os sermões do padre, o surgimento de novas amizades a partir das redes sociais e a divisão das funções matrimoniais nos fornecem subsídios para afirmar que houve profundas mudanças na sociedade e que elas são fundamentais na formação das identidades que o sujeito assume ao longo da vida.

Bajoit (2008) indica que essas transformações caracterizam a 3ª Revolução Industrial, que, por sua vez, está relacionada à energia nuclear e, sobretudo, às tecnologias de informação. O autor acrescenta ainda que “as inovações tecnológicas ligadas à informação e à comunicação são decisivas para compreender as mutações econômicas e financeiras que vemos atualmente” (BAJOIT, 2008, p. 260, tradução nossa).

A mudança social tem a ver com mudanças nos eventos sociais (práticas sociais, rede de práticas sociais e estruturas sociais). Consequentemente isso abrange mudança nos textos, nas ordens do discurso e nas linguagens; abrange, no entanto, em primeiro lugar, mudança do próprio olhar do sujeito sobre as práticas que o socializaram.

4. *Que sujeito eu sou?*

Cotidianamente, deparamo-nos com a incerteza da nossa identidade e nos questionamos: que sujeito eu sou? Quem eu gostaria de ser? Essas indagações ocorrem porque o sujeito assume identidades diferentes em diversos momentos, as quais não são unificadas em torno de um “eu” coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Levando em consideração as identidades femininas, podemos inferir que, em um dado momento, uma determinada mulher pode ser brasileira, casada, mãe, professora, dona de casa, dentre tantas outras identidades que os indivíduos assumem concomitantemente na sociedade pós-

moderna. Em outra instância, essa mesma mulher pode continuar a ser brasileira, mãe, porém divorciada, microempresária, cronista, avó e desenvolver atividades que julgava desinteressantes. Dessa forma, podemos afirmar que, conforme Bauman (2005), somos sobrecarregados de identidades.

Contudo, nem sempre foi assim, pois, segundo Hall (2006), existem três concepções que retratam a realidade do sujeito em diversos momentos da nossa história: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo era visto como pronto, fechado e acabado; um indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades de razão. Ele nascia e se desenvolvia permanecendo essencialmente o mesmo. Essa concepção era considerada muito individualista. Já o sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno. Essa concepção retrata um momento em que o sujeito não se constitui por si só, individualizado, e, sim, por meio do convívio e da relação com as outras pessoas. Dessa forma, o “eu” se desenvolve na troca de experiências e na diversidade de identidades no mundo ao redor. Por fim, o sujeito pós-moderno surge a partir de transformações sociais, políticas e econômicas. “O sujeito, antes dotado de uma identidade unificada e estável, se torna fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

A respeito dessas transformações que ocorrem na construção da identidade, Marx profere ideias que conceituam a modernidade tardia, a saber:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar (MARX, 1973, *apud* HALL, 2006, p. 14).

Formada ao longo do tempo, mediante processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim é a identidade. Há sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre ela, pois permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. Algumas identidades são de nossa própria escolha, mas outras são infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta.

Para Giddens (2005), o conceito de identidade na sociologia é multifacetado e pode ser abordado de inúmeras formas. De modo geral, a identidade se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas.

De acordo com Giddens (2005), há dois tipos de identidades frequentemente mencionados: a identidade social e a autoidentidade (ou identidade pessoal). A identidade social refere-se a características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros. Elas podem ser vistas como marcadores que indicam quem, em um sentido básico, essa pessoa é. Ao mesmo tempo, esses marcadores posicionam essa pessoa em relação a outros indivíduos que compartilham os mesmos atributos. As identidades sociais, portanto, envolvem uma dimensão coletiva. Elas marcam as formas pelas quais os indivíduos são “o mesmo” que os outros. A autoidentidade, em contrapartida, nos separa como indivíduos distintos. Ela se refere ao processo de autodesenvolvimento por meio do qual formulamos um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta. O processo de interação entre o eu e a sociedade ajuda a ligar os mundos pessoal e público de um indivíduo.

Recorrendo a Bauman (2005, p. 60), apontamos que “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria uma incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo”.

Na visão de Medeiros (2009), a identidade significa um conjunto de critérios de definição de um indivíduo e um sentimento interno composto de diferentes sensações, tais como sentimentos de unidade, de coerência, de pertencimento, de valor, de autonomia e de confiança. Esses diferentes ingredientes afetivos e cognitivos representam os processos internos através dos quais o psiquismo organiza todas as informações que ele recebe em um todo coerente. São essas as informações que constituem o saber universal do sujeito.

Todavia, esses sentimentos de identidade nem sempre se manifestam de forma coerente e pacífica, mas, ao contrário, evoluem frequentemente em meio às tensões, aos conflitos e aos compromissos. Esse conceito de si próprio, que significa a maneira pela qual nós mesmos nos definimos, não é uma noção estática, pois está em constante evolução em função da idade e das experiências vividas.

Já no ponto de vista de Erikson (*apud* MEDEIROS, 2009), a construção identitária é um processo ativo, afeito a conflitos e sujeito à inter-

venção de várias dimensões (social, psicológica, consciente e inconsciente). Refere-se respectivamente aos modelos sociais sob os quais o indivíduo se acomoda, quais sejam: o ideal do “eu”, o sentimento subjetivo de unidade pessoal e de continuidade temporal e a identificação aos modelos parentais e culturais.

Como resultado, esse processo se manifesta inicialmente no contexto familiar, indo, depois, desenvolver-se proporcionalmente ao crescimento do indivíduo e ao alargamento de seu universo sociocultural: vida escolar, incidência dos meios de comunicação de massa, entre outros fatores. A identificação passa a incidir sobre grupos maiores relativos a idade, sexo, classe social, profissão, clube esportivo e identidades regional e nacional. O indivíduo, assim, não somente interioriza a memória dos grupos de pertencimento, a qual é composta de experiências múltiplas, modelos, significados e representações, como também se lança em projeções identificatórias a outros grupos de referência aos quais ele procura se integrar (MEDEIROS, 2009).

5. *Gramática sistêmico-funcional: caminhos para análise em abordagem sociológica e comunicacional do discurso*

5.1. Sistema de avaliatividade

O sistema de avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), caracteriza-se como um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas. Vejamos ilustração abaixo.

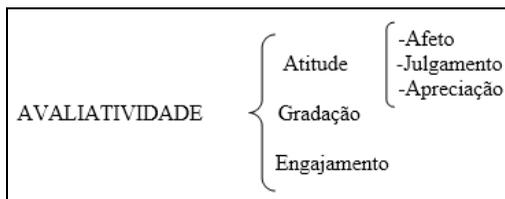


Fig. 1 – Recursos do Sistema de Avaliatividade e do Sistema de Atitude.
Fonte: Martin; White (2005, p. 38).

Neste minicurso trabalharemos com o subsistema de atitude. Resumidamente, atitude é o subsistema responsável pela expressão lingüís-

tica das avaliações positivas e negativas, que abrange três regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação.

O *afeto* tem a função de expressar as emoções no discurso. O *juízo* representa as avaliações dos falantes/autores em relação ao “como comportar-se” na sociedade; são avaliações emitidas sobre a ética e a moralidade estabelecidas pela Igreja, pelo Estado ou por outras instituições. Já a *apreciação* diz respeito às avaliações a respeito das coisas e dos objetos, no âmbito da estética, da forma etc.

As avaliações de afeto, de julgamento e de apreciação estão presentes nos textos orais ou escritos, sendo indiretamente subentendidos, pressupostos ou assumidos pelos falantes/autores. E, em muitos casos, são cuidadosamente administrados, levando em conta a possibilidade sempre presente de desafio ou contradição por parte daqueles que possuem visões diferentes.

A partir das cartas do leitor veiculadas nas revistas femininas *Claudia* e *Nova* iremos verificar as categorias do Subsistema de Atitude. Para isto, destacaremos agora as principais características que condicionam o afeto, o julgamento e apreciação.

No que diz respeito ao afeto, Martin e White (2005) sugerem seis fatores que devem ser levados em consideração:

- Sentimentos são considerados culturalmente positivos e negativos;
- Sentimentos são o resultado de emoções;
- Sentimentos resultantes de alguma reação externa;
- A gradação dos sentimentos é lexicalizada;
- Sentimentos envolvem intenções mais que reações;
- As emoções são agrupadas em três conjuntos: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; satisfação/insatisfação.

Quanto ao julgamento, Almeida (2010) afirma que essa categoria pode ser entendida como uma institucionalização do sentimento, ou seja, normas de comportamento que direcionam como as pessoas devem ou não agir. O julgamento é dividido em dois tipos:

- Estima social: normalidade, capacidade, tenacidade.

- Sanção social: propriedade, veracidade.

Por último temos a apreciação, que diz respeito às avaliações sobre elementos ao nosso redor, bens e serviços de nosso dia a dia, tais como shows, filmes, livros CDs, obras de arte, casas, prédios, parques, recitais, espetáculos ou performances de qualquer tipo, fenômenos da natureza, relacionamentos e qualidade de vida (MARTIN & ROSE 2003/2007, p. 37). Gramaticalmente, os itens lexicais que realizam a apreciação tendem a se enquadrar em estruturas como o processo mental de cognição tais como: eu sei, eu entendo, eu acredito. A apreciação divide-se em três tipos:

- Reação: Impacto; Qualidade.
- Composição: Proporção; Complexidade.
- Valoração.

5.2. Sistema de transitividade

O sistema de transitividade constitui um conjunto de significados da metafunção ideacional, ou seja, preocupa-se com a experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias, por isso, a oração é vista como representação, isto é, está ligada ao uso da língua que inclui tanto o mundo externo – eventos, elementos – como o mundo interno – pensamentos, crenças, sentimentos.

Pelo sistema de transitividade, temos seis tipos de processos e cada um deles se associa a participantes específicos e circunstâncias variadas. No quadro abaixo temos uma síntese desses processos e participantes.

Processo	Significado	Participantes obrigatórios	Participantes opcionais
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificador	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Behavior

(Quadro: *Processos, significados e participantes*. CUNHA & SOUZA, 2011, p. 76)

Esses mesmos processos e participantes interagem com circunstâncias variadas como mostra o quadro abaixo:

Tipos de circunstâncias	
1. Extensão	Distância
	Duração
	Frequência
2. Localização	Lugar
	Tempo
3. Modo	Meio
	Qualidade
	Comparação
	Grau
4. Causa	Razão
	Propósito
	Interesse/representação
5. Contingencia	Condição
	Falta
	Concessão
6. Acompanhamento	Comitativo
	Aditivo
7. Papel	Estilo/Aparência
	Produto
8. Assunto	(Sobre o quê?)
9. Ângulo	Recurso
	Ponto de vista

(Quadro: representação das circunstâncias)

Os processos, participantes e circunstâncias traduzem, por assim dizer, nossa experiência em linguagem. Como evidenciado no quadro acima, existe diferentes processos ligados a determinados participantes que por sua vez se reportam a diferentes circunstâncias. Por isso, um ponto central para o estudo do Sistema de Transitividade é a questão da escolha, o uso da língua ganha, dessa forma, um caráter probabilístico (HALLIDAY, 1992). Nessa direção, o pesquisador está sempre comparando as escolhas realizadas pelo falante com outras disponíveis no sistema da língua, procurando determinar quais foram suas motivações.

6. Trilhas que conduzem às análises

Aqui neste subtópico iremos pontuar, de forma resumida, os objetos de pesquisa que nortearam este minicurso e, em seguida, analisar os

discursos de cada pesquisa, conforme já mencionado nesse artigo. Primeiramente, iremos discutir as características do gênero textual carta do leitor, preocupando-se ainda com os propósitos comunicativos das revistas femininas *Claudia* e *Nova*. Em seguida, analisaremos os depoimentos de mulheres que sofreram agressão física retirados da ferramenta “comentário” em reportagens que tratam de violência doméstica, expostas no site de notícias g1.globo.com.

Definidas como um gênero textual, as cartas do leitor, cujos espaços são destinados aos leitores para que possam expressar pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre matérias publicadas, são endereçadas aos editores que, após efetuarem uma seleção prévia e editoração, publicam-nas.

Balocco (2011, p. 51) afirma que na carta do leitor há, predominantemente,

Recursos de contração dialógica, com uso de proposição/expectativa confirmada, negação, marcadores conversacionais de tomada de turno de uso restrito a locutores com controle da interação, além de léxico valorativo de alta intensidade. Todos esses recursos contribuem para o *ethos*, ou imagem discursiva, do leitor como alguém que não precisa negociar suas opiniões, sequer de apresentar uma posição discursiva isenta, distanciada, ou documentada em fatos, dados e reflexões mais aprofundadas.

As cartas do leitor são consideradas um excelente objeto de investigação das transformações identitárias das mulheres, pois as revistas têm como finalidade veicular artigos que sejam de interesse de um determinado público-alvo, tentando assim, fidelizar um maior número possível de leitores.

A revista *Claudia* retrata em seus artigos e anúncios publicitários a mulher que é mãe, esposa e dona de casa – papéis naturalizados como femininos pela sociedade tradicional e patriarcal – além de trabalhar fora e estudar, conciliando todos os interesses, sejam pessoais ou profissionais. Por sua vez, a revista *Nova* tem como principal temática a sexualidade feminina. Não mais tratada como um tabu pelos meios de comunicação de massa, essa revista trata do direito sobre o próprio corpo, sobre o orgasmo e, principalmente, prevenção feminina e sexo antes do casamento.

Nessa instância, vejamos as cartas escolhidas para esse estudo e suas respectivas análises.

Carta da revista *Claudia*:

Aborto legal: do papel ao hospital

Achei pequeno o espaço dado à matéria “Aborto legal: do papel ao hospital”, edição de fevereiro. Creio que é essencial nós, mulheres, nos manifestarmos diante desse projeto tão nosso e fico muito triste em saber que existe uma oposição formada por mulheres, que escondem um machismo embutido e que não têm a mínima sensibilidade em relação à vítima de estupro. Débora Alves, Goiânia, GO. Maio de 1997.

O aborto é um tema considerado polêmico desde os primeiros movimentos feministas e sempre dividiu opiniões. Na carta acima, subentende-se que esteja em pauta o direito ao aborto quando a geração do filho é resultante de estupro. Cremos que o sujeito discursivo dessa carta é favorável à prática do aborto nessas circunstâncias, cuja inferência é autorizada pelas expressões que assinalamos em negrito em “Creio que é *essencial nós, mulheres, nos manifestarmos diante desse projeto tão nosso e fico muito triste* em saber que existe uma *oposição formada por mulheres*”.

Quanto ao subsistema de atitude, podemos afirmar que essa carta está enquadrada na categoria *juízo*, especificamente de *sanção social* (O indivíduo é ético? É honesto?), posto que essa categoria relaciona-se com questões de “ética”, com uma análise normativa do comportamento humano baseado em regras ou convenções de comportamento. Ao se posicionar favoravelmente à da prática do aborto, o sujeito discursivo vai de encontro com as convenções estabelecidas por instituições de grande importância na constituição de alguns seres humanos, dentre elas, a Igreja Católica.

A carta do leitor sinaliza ainda, uma forte mudança social e discursiva, que por sua vez, propicia a transformação das identidades. Em décadas anteriores, as mulheres não tinham liberdade de expressão e, alguns assuntos, eram considerados tabus, entre eles, o aborto. Com o advento da globalização e a disseminação das ideias nos meios de comunicação de massa, esses tabus enfraqueceram, condicionando assim, o direito à propagação de opiniões e a interatividade com outras pessoas.

Carta da revista *Nova*:

De bem com o corpo

Entendo que muitas mulheres queiram caber em um jeans pequeno, como mostra *A crise dos 38* (setembro). Mas é pura bobagem criar neurose. Uso manequim 44, nem por isso me acho menos bonita do que as supostas felizardas que vestem o tal número. Percebi que a máxima “As magras são mais coibidas e bem-sucedidas” nem sempre é verdadeira. Tenho 28 anos, 1,77 me-

tro e 83 quilos. Sou médica residente em uma das universidades mais bem conceituadas do Brasil, casei com o homem que amo e que me realiza em todos os sentidos. Fernanda Paes, São Paulo, SP. Edição de novembro de 2007.

A temática em pauta na carta acima é predominante em todas as revistas voltadas para o público feminino: o corpo. A estética tem sido cada vez mais valorizada e, em algumas circunstâncias, motivo de distúrbios psíquicos e/ou alimentares.

O discurso da carta em análise evidencia uma autora/leitora que se diz “bem resolvida” com o seu corpo, que administra da melhor forma possível o excesso de peso. No que diz respeito à avaliatividade, identificamos um *afeto* positivo de *satisfação* no trecho ‘Uso manequim 44, nem por isso me acho menos bonita do que as supostas felizardas que vestem o tal número’ [38].

No que tange às mudanças socioculturais, ressaltamos as cobranças em relação ao corpo. Na década de 60, as mulheres com corpo mais cheinho eram vistas positivamente, pois indicavam fartura em casa, indicando assim, um marido que cumpre com suas obrigações conjugais. Em seguida, o corpo magérrimo ficou em evidência. Pernas longas e barriga retinha chamavam atenção nas passarelas de eventos de moda, impondo um padrão para a sociedade. Hoje, vemos uma busca incessante pelo corpo “malhado, sarado, siliconado, curvilíneo”.

Porém, em meio a tantas mudanças no padrão ideal, o corpo sempre esteve em notoriedade. As pessoas que se distanciam desse padrão tendem a desenvolver problemas para interagir no meio social, com algumas exceções, como parece ser o caso da autora/leitora em questão.

Os “comentários” por sua vez são ferramentas presentes em sites de diversos tipos, eles abrem a oportunidade que os leitores interajam com o que foi colocado no site. Esse tipo de ferramenta não permite que o “dono” do site edite o que foi comentado, sendo de total responsabilidade do autor do comentário o que está posto nele, essa característica também garante uma maior veracidade na narrativa, uma vez que não pode ser manipulada pelo canal midiático.

Embora seja uma ferramenta comum em vários sites, elegemos para nossa análise um canal midiático específico que é o site oficial da Globo, maior emissora televisiva aberta do Brasil, segundo o site do ibope.

O site pesquisado foi o g1.globo.com, mais especificamente a reportagem sobre violência contra a mulher veiculado no programa “profissão repórter”. A escolha foi feita pelo alto número de comentários gerados no site a partir dessa única reportagem. Dos comentários feitos no site, coletamos aqueles tinham as características de depoimento, ou seja, aqueles em que o leitor/telespectador, sensibilizado pela reportagem, decide narrar sua própria história, foi um total de setenta narrativas.

Das setenta narrativas elegemos duas narrativas uma em que a vítima se descreve ainda sob o jugo da violência e outra em que a violência foi “superada”. Embora esteja em domínio público, decidimos colocar apenas as iniciais do nome da vítima em cada comentário.

Comentário de FF:

Sofro há 12 anos com meu marido, ele não bebe e faz tudo de cara limpa é um típico psicopata, me bate muito até desmaiar, desta última semana perfurou meu tímpano e quebrou os ossos do ouvido, perdi minha audição, se eu merecer me ajudem por favor por que vou acabar morrendo. [sic]

Esse depoimento começa com o sujeito se colocando como experienciador de um processo mental “sofro” seguido da circunstância de extensão na qual o sujeito relata a duração de “12 anos” desse processo. Embora o processo seja mental, ele está intimamente ligado a outros processos que são materiais: “bate”; “perfurou”; “quebrou”, sendo que nesses processos materiais a vítima é a meta, enquanto que o agressor é o ator do processo. Ela ainda passa por um processo material de “perda”. Dessa forma, podemos dizer que a vítima assume diferentes formas de participação em sua narrativa, como mostra o quadro abaixo

Processo	Participante (vítima)	Circunstância
Sofro (mental)	experienciador	Há 12 anos (extensão/duração)
Bate, perfurou, quebrou (material)	meta	Muito até desmaiar (modo/grau); desta última semana (localização/tempo)
Perdi (material)	Beneficiário	-

É interessante ressaltar que a vítima termina seu depoimento reconhecendo que seu relacionamento é destrutivo “vou acabar morrendo”, um processo existencial, que a coloca como um sujeito conformado com a situação, conformado e que não se sente merecedor de ajuda, uma vez que coloca a cargo de seu leitor avaliar se ela merece ou não ser ajudada. A vítima não se sente capaz de sair do ciclo de violência sendo totalmente dependente de que terceiros intervenham a seu favor. Sua dependência

é ainda mais evidente quando o centro de sua narração está no seu agressor que é o ator da maioria dos processos ressaltados, como mostra o quadro abaixo:

Processo	Participante (agressor)	Circunstância
(não) bebe (material)	ator	-
Faz (material)	ator	De cara limpa (modo/qualidade)
É (relacional)	portador	Típico psicopata (atributo)
Bate (material)	ator	Muito até desmaiar (modo/grau)
Perfuroou (material)	ator	desta última semana (localização/tempo)
Quebrou (material)	ator	desta última semana (localização/tempo)

Comentário de CM:

Bom, infelizmente eu sofri violência verbal durante todo o tempo que namorei e depois de casada vim a sofrer agressão física. Resolvi dar um fim nesse sofrimento depois da 3ª vez que apanhei. Estou separada e esperando o divórcio sair. Meu casamento durou 3 meses, mas não me arrependo de ter tomado essa decisão. Não nasci para apanhar! Nasci pra ser feliz e amada! E sinceramente, acredito que é melhor estar só do que má acompanhada. Que Deus dê força para todas as mulheres que estão passando por isso. Eu estou sendo curada interiormente por Ele! Só Deus pode curar os nossos corações!
[sic]

O segundo comentário difere do primeiro, principalmente na participação da vítima. Diferente do primeiro, o segundo tem um número maior de processos materiais feitos pela vítima, que se impôs, saindo da condição de sujeito conformado para a de um sujeito que se rebela com o sistema em que está inserido. Vejamos o quadro abaixo com os detalhes dos processos:

Processo	Participante (vítima)	Circunstancias
Sofri, sofrer (mental)	Experienciador	Todo o tempo que namorei e depois de casada (localização/tempo)
Resolvi (material)	Ator	Depois da 3ª vez que apanhei (localização/tempo)
Apanhei (material)	Beneficiário	-
Estou separada (existencial)	Existente	-
Esperando (mental)	Experienciador	-
(não) me arrependo (mental)	Experienciador	-
Ter tomado (material)	Ator	-
Nasci (existencial)	Existente	pra ser feliz e amada (modo/qualidade)
Acredito (mental)	Experienciador	-
Estou sendo curada	Meta	-

Embora atribua a Deus a sua recuperação, a narrativa mostra que o sujeito toma as “rédeas” de sua vida ao perceber que o ciclo de violência não acabaria sem sua intervenção direta. Sua mensagem final é de encorajamento as outras mulheres que possam está na mesma situação em que ela se encontrava, mostrando solidariedade de quem já passou pelo mesmo problema.

7. *Considerações finais*

A abordagem sociológica e comunicacional do discurso, teoria que recorremos para embasar este artigo, “busca um caminho de análise que não se esgota em conceito e categorias” (PEDROSA, 2012), permitindo assim, que o pesquisador recorra a diversas áreas do conhecimento, mantendo um diálogo entre elas, caracterizando-se como uma pesquisa de base transdisciplinar.

Sabemos que ainda há muito caminho a percorrer, posto que a abordagem sociológica e comunicacional do discurso ainda esteja em fase de estudos e desenvolvimento. Porém, o primeiro passo já foi dado e esperamos contribuir para os estudos do discurso, bem como orientar estudantes da graduação e pós-graduação, cujos interesses estão voltados para linguística, comunicação, sociologia e outras áreas do saber.

Por esses motivos, consideramos que nossas pesquisas são condizentes com a proposta da abordagem sociológica e comunicacional do discurso, por contemplar em seus arcaouços teóricos a sociologia, a comunicação e, sobretudo, a linguística, interessando-nos verificar como os discursos de mulheres nas cartas do leitor em revistas femininas e nos depoimentos sinalizam a transformação das identidades, bem a como a emancipação feminina.

Esperamos que este minicurso sirva para auxiliar nas discussões relacionadas ao discurso feminista, à fragmentação do indivíduo e à formação de novos papéis femininos, uma vez que, as mulheres continuam exercendo os papéis impostos socialmente – o de mãe, esposa e dona de casa – além de estudar, trabalhar fora e cuidar do corpo, configurando-se como um acúmulo de tarefas, fazendo disto um “rótulo” na sociedade contemporânea, o de super-heroína, de mulher-maravilha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOIT, Guy. El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas. Madrid: Siglo, 2008.

_____. La tiranía del “grand ISA”. *Cultura y Representaciones Sociales* [México], ano 3, n. 6, p. 9-24, março de 2009. Disponível em: <<http://www.culturayrs.org.mx/revista/num6/Bajoit.pdf>>.

BALOCCO, Anna. O sistema de engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad.: Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAUDIA (revista), n. 5, edição de maio de 1997.

CUNHA, M. Angélica Furtado; SOUZA, M. Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

_____. *Language and globalization*. London; New York: Routledge, 2006.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTIN, JR.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave, 2005.

MEDEIROS, João Luiz. A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa. In: DUARTE, Maria Beatriz (Org.). *Mosaico de identidades*. Curitiba: Juruá, 2009.

NOVA (revista), n. 11, edição de novembro de 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer análise crítica do discurso. PARTE 1: Herança teórica da sociologia (aplicada) para a mudança social. 2012 b. Disponível em: <http://www.ascd.com.br>

SACO, Alberto. *Sociología aplicada al cambio social*. Madrid: Andavira, 2006.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad.: Pedro Jorgensen Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VIOLÊNCIA de Gênero. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/busca/?q=viol%C3%A2ncia+de+g%C3%A2nero&cat=a&ss=fd34a3ecd7050999&st=Profiss%C3%A3o+Rep%C3%B3rter&sct=Profiss%C3%A3o+Rep%C3%B3rter>>. Acesso em: 28-06-2014.